

REPRESENTAÇÕES DE DEUS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO: NO CIBERESPAÇO

Luís Miguel Figueiredo Rodrigues

A reflexão sobre as representações de Deus no ciberespaço mereceu e merece a atenção de diversos investigadores. A nossa reflexão não pretende abarcar a totalidade dos contributos, optamos, isso sim, por escolher um dos âmbitos linguístico¹, a língua inglesa. Mais concretamente a reflexão que se está a produzir nos Estados Unidos da América². Para nos guiar nesta reflexão, optamos por seguir muito de perto Heidi Campbell³, porque a sua reflexão se apoia na metodologia de investigação *estudo de caso*, aplicando-a às confissões cristãs, muçulmanas e judias⁴.

Mas permiti que faça um pequeno desvio e comece a minha comunicação por ler parte de um texto de Umberto Eco, publicado a 30 de setembro de 1994, no jornal *L'Espresso*, onde depois de descrever várias polarizações no mundo, diz:

«O facto é que o mundo está dividido entre os utilizadores do computador Macintosh e os utilizadores dos computadores compatíveis

¹ Ramiro PELLITERO, *Teología Pastoral. Panorámica y perspectivas*, ed. Grafite, Baracaldo 2006, 31-56.

² Cf. Jolyon MITCHELL, Sophia MARRIAGE (Ed.), *Mediating Religion. Conversations in media, religion and culture*, ed. T&T Clark, New York 2006.

³ Cf. Heidi A. CAMPBELL, *Exploring Religious Community Online. We are One in the Network*, ed. Peter Lang, New York 2005; IDEM, *When Religion Meets New Media*, Ed. Routledge, New York 2010; IDEM, *Digital Religion. Understanding religious practice in new media worlds*, ed. Routledgs, New York 2013.

⁴ Cf. Kunt LUNDBY, “Theoretical frameworks for approaching religion and new media”, in Heidi A. CAMPBELL (Ed.), *Digital Religion. Understanding religious practice in new media worlds*, 225-237.

com o MS-DOS. Eu estou firmemente convicto que o Macintosh é católico e o DOS é protestante. Na verdade, o Macintosh é contrarreformista e tem sido influenciado pela *Ratio Studiorum* dos Jesuítas. Ele é alegre, simpático, conciliador; ele diz ao fiel como proceder, passo a passo, para atingir – se não o reino dos Céus – o momento em que o seu documento é impresso. Ele é catequético: a essência da revelação é tratada através de formulas simples e suntuosos ícones. Todos têm direito à salvação.

O MS-DOS é Protestante, ou até mesmo Calvinista. Ele permite a interpretação livre das escrituras, exige decisões pessoais difíceis, impõe uma hermenêutica subtil sobre o utilizador, e tem como garantida que nem todos podem alcançar a salvação. Para fazer com que o sistemas funcione, cada um tem de interpretar o programa por si: longe da comunidade barroca dos divertidos, o utilizador está encerrado dentro da solidão do seu próprio tormento interior.

Pode objectar-se que, com a passagem para o Windows, o universo do MS-DOS tornou-se mais semelhante com a tolerância contrarreformista do Macintosh. É verdade: o Windows representa um cisma de estilo anglicano. Grandes cerimónias na catedral, mas há sempre a possibilidade de voltar ao MS-DOS para mudar as coisas, de acordo com decisões bizarras. (...)

Naturalmente, o catolicismo e o protestantismo dos dois sistemas não têm nada a ver com as posições culturais e religiosas dos seus utilizadores. Pode é interrogar-se se, com o passar do tempo, a utilização de um sistema ou outro sistema conduzirá a mudanças internas. (...)

E o código, que está sob ambos e decide o destino de ambos os sistemas (ou ambientes, se preferir). Ah, isso pertence ao Antigo Testamento, é talmúdica e cabalística⁵.

O texto que acabamos de ver permite observar que as tecnologias disponíveis não são, em si, neutras. Antes, no seu modo de funcionar, pode ver-se refletida uma determinada visão da realidade,

⁵ Umberto ECO, *The Holy War: Mac vs DOS*, English version of article that appeared in L'Espresso, 30 Set. 1994 [http://www.thephora.net/forum/showthread.php?t=77477, acedido em 4/05/2014].

porque a tecnologia não é neutra. A Internet, essa, «transporta consigo distintas ideologias e crenças acerca do mundo. A história por detrás da internet revela uma narrativa de potencial e de controlo»⁶. A este dado acresce que, na reflexão sobre a relação entre os média e a religião, está muitas vezes subjacente a crença de que o diálogo entre a ciência e a modernidade, com a religião e as comunidades religiosas, é levado a cabo sob o signo do conflito⁷.

Um dado indesmentível é que o número de presenças na Internet de carácter estritamente religioso ou espiritual – sítios, blogues e redes sociais – é massivo, o que leva a considerar a necessidade de reequacionar o que é, de facto, a comunidade, levando a olhar para o ciberespaço como um dos ambientes que configuram a identidade pessoal. É aí que milhares de pessoas se reúnem para debater e partilhar ideias do âmbito do religioso, para realizar buscas que há muito deixaram de ter lugar de cidadania nas comunidade ditas “clássicas”. Além do mais, houve tempos em que o caminho espiritual pressupunha uma noite escura da alma, uma exploração interior realizada através de retiros em sítios afastados, longe do mundo, em mosteiros recônditos. Hoje a busca espiritual dá-se na praça pública, dentro de uma amálgama de informações e no seio de uma vasta proliferação de comunicações⁸.

A emergência do fenómeno “digital” influenciou a religião, é certo. Influenciou não só pela emergência das “cyberchurches”, espaços totalmente digitais que oferecem recursos que promovem uma determinada vivência espiritual. Como exemplo mais acabado, veja-se a existência dos espaços sagrados no *Second Life*, onde cada pessoa, através do seu avatar, pode fazer buscar espirituais, discutir temas espirituais em espaços a isso destinados e também “praticar” a

⁶ Heidi A. CAMPBELL, *Exploring Religious Community Online*, 1.

⁷ Cf. IDEM, *When Religion Meets New Media*, 3-5.

⁸ Cf. Pierre BABIN, Angela Ann ZUKOWSKI, *The Gospel in Cyberspace. Nurturing Faith in de Internet Age*, ed. Loyola Press, Chicago 2001, 4-7.

sua fé, através da oração e outros serviços disponíveis neste “segundo mundo”.

Mas há outra forma de o digital ser utilizado pelas igrejas, que é o recorrer aos novos recursos para estender o espaço das igrejas “offline” até aos espaços “online”. E esta é a que consideramos mais interessante, porque aquilo que começou por ser um espaço alternativo apenas para alguns, transformou-se numa importante plataforma que expande e altera a prática religiosa de muitos⁹. Embora o senso comum possa dizer o contrário, há estudos empíricos que mostram que as interações mediadas pela tecnologia não são necessariamente frias, podendo até chegar a comunicações mais íntimas do que aquelas que ocorrem nas comunidades locais¹⁰. As comunicações mediadas pela tecnologia são vistas como o espaço de interação humana privilegiado no mundo digital.

1. CIBERESPAÇO

Com a emergência da Internet surge, então, um novo território que precisa de ser contextualizado e explorado. Quando se fala em “Internet” estamos a referir-nos a um complexo emaranhado de computadores ligados entre si, que criam as possibilidades físicas de ter o mundo todo conectado. Já o “ciberespaço” – muitas vezes usado como sinónimo de Internet – foi descrito a primeira vez por William Gibson, um escritor de ficção científica, americano, que no seu romance *Neuromancer*, publicado em 1984, descreve o ciberespaço como

⁹ Cf. Heidi A. CAMPBELL, “Introduction. The rise of the study of digital religion”, in Heidi A. CAMPBELL (Ed.), *Digital Religion*, 2-3.

¹⁰ Cf. Joseph B. WALTHER, Tracy LOH, Laura GRANKA, “Let Me Count the Ways: The Interchange of Verbal and Nonverbal Cues in Computer-Mediated and Face-to-Face Affinity”, in *Journal of Language and Social Psychology*, 24 (2005) 36-65.

«uma alucinação consensual que pode ser experimentada diariamente pelos usuários através de softwares especiais... Uma representação gráfica de dados retirados dos bancos de dados de todos os computadores. Uma complexidade impensável... Linhas de luz que abrangem o universo não-espacial da mente, nebulosas e constelações infindáveis de dados... É também realidade virtual»¹¹.

Esta descrição poética permite-nos ver como a internet e o ciberespaço congregam o real e o virtual no mundo da tecnologia. Esta descrição prevê que cada pessoa não apenas use a tecnologia, mas que faça parte dela¹².

O ciberespaço pode ser percebido como *mito* e como *metáfora*¹³.

1.1. *Ciberespaço como mito*

O *mito* do ciberespaço preconiza que os dispositivos tecnológicos possibilitam novas formas de existir, onde é possível controlar a realidade, o que revela várias crenças associadas. A primeira das quais é que existe um novo espaço, dentro do computador, a criar e explorar. Aqui, toda a capacidade criativa é valorizada. O reconhecimento dos outros internautas é a recompensa esperada¹⁴, que se baseia no prazer de partilhar e no uso imediato da criação.

A outra, não menos importante, é a ideia de que a salvação pode vir por meio da tecnologia, que, de certo modo, se apoia no desejo humano de um mundo melhor. E esse mundo melhor está no espaço virtual. O ciberespaço como mito leva a um êxodo do atual para o virtual, como lugar da existência por excelência.

¹¹ William GIBSON, *Neuromancer*, ed. Ace Books, New York 1984, 69.

¹² Cf. Heidi A. CAMPBELL, *Exploring Religious Community Online*, XV.

¹³ Cf. *Ibidem*, 6-14.

¹⁴ Cf. Pekka HIMANEN, “La ética hacker como cultura de la era de la información”, in Manuel CASTELLS (ed.), *La sociedad red: una vision global*, Alianza Editorial, Madrid 2006, 505-518; IDEM, *La ética del hacker y el espíritu de la era de la información*, ed. Destino, Barcelona 2002.

1.2. Ciberespaço como metáfora

A outra forma de entender o ciberespaço, a nosso ver bem mais interessante, é vê-lo como *metáfora*. Descreve o modo como é entendido o funcionamento da Internet. O ciberespaço é percebido como um mundo paralelo, criado pela comunicação entre todos os computadores conectados e visto como um mundo virtual, simultaneamente omnipresente e desmaterializado. O que já acrescenta algo de interessante, que é o de se considerar o ciberespaço como um espaço real, um espaço especial, é como um laboratório onde se experimenta o sentido da realidade.

O ciberespaço como metáfora compreende-se como autoestrada da informação, onde é possível navegar, melhor “surfear”¹⁵, entre infinidades de fontes de conhecimento. Ao usar a imagem da autoestrada, evoca-se a ideia de progresso e também a ideia de novos territórios. Ao ser vista como teia (Web) introduz uma visão descentrada do poder. A realidade, essa, é simulada através de signos.

Dito de outro modo, o ciberespaço assume-se como um espaço atual, criado pela conexão dos computadores, que possibilita um novo território: o território do saber. Ou, no dizer de Pierre Lévy, o espaço do saber como utopia.

É esta utopia que faz perseguir a concretização técnica de possibilidades sonhadas. Porque o futuro é agora no ciberespaço. E trata-se de um projeto coletivo, uma oportunidade para a vivência de um novo humanismo «que inclui e amplia o conhece-te a ti mesmo (do Oráculo de Delfos, notabilizado por Sócrates) para um aprendamos a nos conhecer para pensar juntos, e que generaliza o penso, logo existo (de Descartes) em existimos eminentemente como comunidade (que, por sua vez, reflete a visão cosmopolítica de Kant)»¹⁶.

¹⁵ Quando se navega tende-se a controlar a orientação e a velocidade, quando se surfa é a onda que comanda. A arte está em saber tirar partido do que a onda possibilita.

¹⁶ Isa Maria FREIRE, “A utopia planetária de Pierre Lévy: uma leitura hipertextual d’*a inteligência coletiva*”, in *Perspectivas em Ciência da Informação* 10 (2005) 2, 132-133.

A reflexão sobre o ciberespaço ajuda a tomar consciência da presença, em simultâneo, das esperanças e dos medos associados às novas tecnologias¹⁷.

Como *mito*, o ciberespaço da ficção científica apresenta à humanidade a possibilidade de criar um mundo novo por detrás dos ecrãs, mas com a distopia de que esse novo mundo tecnológico vai controlar a humanidade.

Como *metáfora* mostra como uma imagem se pode transformar em realidade, uma transformação que traz consigo determinados valores e crenças acerca do mundo.

2. TENDÊNCIAS NOS MÉDIA

Reparemos que os “novos média” articulam duas dimensões. Por uma lado a dimensão técnica em que se apoia e, por outro, a dimensão cultural, que sugere que os novos média incentivam e incrementam novas formas de interação¹⁸.

Este contexto informacional¹⁹ contemporâneo atua como uma espécie de levedura que se infiltra e difunde em todas as áreas da vida pessoal, inclusive a espiritual e religiosa. Não se pode ignorar a influência que este fenómeno tem nas paisagens religiosas. Este dado é tanto mais interessante, se considerarmos o fenómeno da pós-modernidade visto em três perspetivas²⁰: o primeiro tem a ver com o fim de uma visão global do mundo, e que é substituído pela fragmentação; o segundo é a destruição dos fundamentos, pois já não

¹⁷ Cf. Heidi A. CAMPBELL, *Exploring Religious Community Online*, 13.

¹⁸ Cf. IDEM, *When Religion Meets New Media*, 89-108.

¹⁹ Cf. Manuel CASTELLS, *A Sociedade em Rede. A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura. Vol. I*, ed. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 2007³, 493-505.

²⁰ Cf. Sandra M. SCHNEIDERS, *Finding the Treasure. Locating Catholic Religious Life in a New Ecclesial and Cultural Context*, ed. Paulist Press, New York 2000, 110-124.

há nada estabelecido sobre o qual se possa construir os pensamentos pessoais; a terceira perspectiva é a destruição dos meta-relatos, as narrativas que tem capacidade de conter toda a realidade e na qual se percebe a história pessoal.

É pois neste contexto que se entende que quando um sujeito utiliza os média, pelo menos até aos nossos dias, pressupõe e está na continuidade daquilo que é a sua história, na qual este novo ambiente influi. É por isso que quando se fala de religião no ciberespaço não se refere apenas à prática em contextos *online*, antes ao modo como os recursos digitais moldam as concepções e práticas religiosas. Dito de outro modo, os recursos digitais afetam as práticas religiosas, sobretudo a partir da cultura que promovem, mas também dos recursos que aportam.

Para ver como os médias podem influenciar nas representações de Deus partimos da definição de religião dada pelo antropólogo Clifford Geertz. Segundo ele, a religião é «um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, persuasivas e prolongadas motivações nos homens através da formulação de concepções de ordem geral da existência e revestindo essas concepções com tal aura de factualidade que os humores e motivações parecem singularmente realistas»²¹.

Para tentar perceber como os recursos moldam as paisagens religiosas, vamos ver como George Siemens²², autor canadiano, na sua teoria de aprendizagem denominada “conectivismo”, pensada para a aprendizagem informal da sociedade em rede, explica o carácter multidimensional e complexo da aprendizagem digital, distribuindo-a por quatro domínios: transmissão, emergência, aquisição e acreção²³.

²¹ Clifford GEERTZ, «Religion as a cultural system», in *The interpretation of cultures: selected essays*, ed. Basic Books, New York 1973, 90.

²² Cf. <http://www.elearnspace.org/about.htm>

²³ Cf. George SIEMENS, *Knowing Knowledge*, 2004, 34-36 [http://www.elearnspace.org/KnowingKnowledge_LowRes.pdf] (acedido a 02/04/2012).

A *aprendizagem por transmissão* baseia-se na perspectiva tradicional, em que o aprendente é exposto a um conhecimento estruturado, através de palestras e cursos, inserido num sistema. Trata-se daquilo a que poderíamos chamar as práticas de iniciação religiosa. É um modelo dispendioso e lida mal com algumas das características fundamentais da aprendizagem, como é o caso da aprendizagem social, em múltiplas direções e como processo.

A *aprendizagem por emergência* dá maior destaque à reflexão e à cognição, através das quais o aprendente adquire e cria ou, pelo menos, interioriza o conhecimento. É uma abordagem efetiva para uma aprendizagem profunda, não superficial, e pode promover a inovação e a cognição de alto nível. É um modelo difícil de implementar em larga escala, pois requer boas competências e pensamento crítico por parte de todos os aprendentes, bem como um elevado nível de familiaridade com os conteúdos. Esta seria a aprendizagem em escolas de teologia.

A *aprendizagem por aquisição* é exploratória e baseada na inquirição. Cabe ao aprendente definir o conhecimento de que necessita e participar ativamente no processo, de modo a garantir a sua motivação e a prossecução dos seus interesses pessoais. A aprendizagem autodirigida pode revelar-se problemática em algumas organizações em que haja objetivos de aprendizagem definidos muito claramente, pois a liberdade e o controlo dados ao aprendente não são facilmente conciliáveis com os objetivos predeterminados que se querem atingir. É frequente associar-se a falta de estrutura à falta de enfoque e, por isso, a aprendizagem autodirigida tende a ser vista como pouco rigorosa, mas a verdade é que ela constitui a maior parte da aprendizagem dos indivíduos, pois quotidianamente se dedicam a aprender sobre matérias e a adquirir conhecimentos que são do seu interesse pessoal, profissional, social ou religioso.

A *aprendizagem por acreção* é contínua. Enquanto função do ambiente, o aprendente procura o conhecimento quando e onde ele é necessário. É a vida real, e não a teoria, que comanda este tipo de

aprendizagem, que constitui uma atividade constante na vida: através de diálogos, de um workshop, de um artigo, aprendem-se coisas novas; ganha-se experiência através da reflexão sobre os projetos que se estão a desenvolver, sejam eles bem ou mal sucedidos; conecta-se e associa-se uma grande variedade de elementos e atividades, moldando e criando constantemente a compreensão e o conhecimento.

É pelo facto de o ciberespaço ser habitado por cada indivíduo, isolado e separado do mundo pelo ecrã do seu computador, que é possível perceber que existam em simultâneo, diversas tendências espirituais na Internet, a saber²⁴: o crescente secularismo, a recusa da categoria de mistério, o individualismo, o sincretismo religioso, o fundamentalismo, os buscadores de religiões alternativas, etc. Estas e outras tendências menos visíveis podem ser observadas no ciberespaço.

Torna-se, agora, claro que o modo como um determinado grupo ou indivíduo utiliza os média, o modo como vê e percebe o mundo através deles – entendidos como janelas para o mundo – tem profunda influência no modo como compreende a representação do religioso. Por outro lado, os média são vistos como um modo privilegiado de expressar e explicar a experiência quotidiana de transcendência²⁵.

Por fim, o modo como cada indivíduo e comunidade religiosa integra e se deixa moldar pelos novos média tem a ver, sobretudo, com o entendimento que se tem do que é uma comunidade religiosa (1), o lugar da mediação textual (2) e o modo como se exerce a autoridade religiosa (3)²⁶.

²⁴ Cf. Pierre BABIN, Angela Ann ZUKOWSKI, *The Gospel in Cyberspace. Nurturing Faith in the Internet Age*, ed. Loyola Press, Chicago 2001, 7-15.

²⁵ Cf. Heidi A. CAMPBELL, *When Religion Meets New Media*, 17.

²⁶ Cf. *Ibidem*, 19-40.

1 – COMUNIDADE

O modo de representar Deus na cibercultura não depende apenas das crenças de uma determinada confissão religiosa, dos conteúdos do seu “credo”, depende também, e muito, das negociações que possam ocorrer dentro das fronteiras de uma determinada comunidade. Estas fronteiras estabelecem-se a partir dos padrões acordados para aquilo que é admissível ou não integrar e compagnar com um determinado texto de referência. O texto sagrado ou identitário. As fronteiras estão estreitamente ligadas à fisionomia daqueles que nessa comunidade têm o direito e a responsabilidade de orientar para a interpretação correta.

2 – MEDIAÇÃO TEXTUAL

O papel que o texto ocupa numa determinada confissão religiosa influencia a percepção que essa confissão tem dos média. Uma representação mais experiencial terá mais dificuldade do que uma mais ligada à proclamação do texto. Observando a relação de uma comunidade com o seu texto sagrado já dá para entender o modo como se relaciona com os média. A flexibilidade ou rigidez na interpretação dos textos sagrados configura o modo como a representação de Deus é realizada no ciberespaço. E também sobre que tipo de Web será mais utilizada: Web 1.0 para concepções mais fixas e rígidas e Web 2.0 para concepções mais flexíveis e com autoridades mais participadas.

3 – AUTORIDADE

Em estreita sintonia com o que acima dissemos, está o papel da autoridade, sobretudo na relação com a interpretação autêntica dos textos. Aquilo que é considerado como fonte da autoridade religiosa, em relação com os textos, vai ser também utilizado para perceber quais serão as fontes que potenciarão a configuração religiosa na

Web, ou não. Daí o esforço de comunidades mais conservadoras de limitarem o acesso ao ciberespaço. Um exemplo paradigmático é o “Kosher phone”, quando os judeus ultraortodoxos exigiram que, com o surgimento da tecnologia 3G, as companhias de telefone de Israel tivessem de disponibilizar um serviço que cortasse a possibilidade de acesso à internet e de enviar SMS, e também que bloqueasse a possibilidade de estabelecer contacto com números de telefone considerados “indecentes”²⁷.

Mas se este facto pode ser considerado anedótico, o certo é que o surgimento da possibilidade de qualquer pessoa poder ter um espaço seu na Web, de forma gratuita e fácil, fez com que as relações de poder fossem reconfiguradas²⁸. O surgimento da blogosfera democratizou as vozes que se expressam com mais liberdade no ciberespaço, o que alterou a configuração dos magistérios que se ouvem. A importância acaba por ser indexada ao destaque que se alcança nos motores de buscas. O que não deixa de levantar outras problemáticas.

²⁷ Cf. Tsuriel RASHI, “The kosher cell phone in ultra-Orthodox society”, in Heidi A. CAMPBELL (Ed.), *Digital Religion*, 173-180.

²⁸ Paul Emerson TEUSNER, “Formation of a religious Technorati”, in Heidi A. CAMPBELL (Ed.), *Digital Religion*, 182-188.

CONCLUSÃO

Mas a integração de uma tecnologia nova nas religiões não é um facto inédito. Uma visão retrospectiva sobre o modo como as anteriores tecnologias foram integradas nas religiões pode ser particularmente vantajoso. Veja-se, como o exemplo, o livro, não apenas como objeto, mas como fenómeno. Ao deixar de se olhar apenas para a história do livro, como suporte das ideias, e ao começar a olhar para a história da comunicação, toma-se consciência de que as ideias se difundem sobretudo através das práticas que o utensílio possibilitar. O livro ganhou força divulgadora quando, aliado ao alargamento da literacia, se conseguiu produzir em grande quantidade e a custos reduzidos. Mais do que o livro em si, é preciso ver a sua produção física, o papel que a rotativa tem neste processo.

A força das ideias, ao residir na organização dos seus portadores, encontra a sua verdadeira força na organização política, naqueles que, ao socializar as ideias, constituem um determinado tipo de sociedade. A influência de um sujeito sobre outro – a práxis – ilumina-se à luz dos vetores de influência – da técnica –, pelo que a deslocação do suporte é válido como deslocação da autoridade, e em cada época são privilegiados os partidários do suporte em voga.